



Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura
Universidade Federal de Ouro Preto
ISSN: 2596-0229

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:
“Educação Teatral e fins de Mundo”

PRESENTATION OF THE SPECIAL ISSUE:
“Theater Education and world endings”

André Magela

 <https://orcid.org/0000-0002-0574-0599>

Marcelo Rocco

 <https://orcid.org/0000-0001-7229-339X>

 doi.org/10.70446/ephemera.v7i13.7699

Apresentação do dossiê:

“Educação Teatral e fins de Mundo”

O Dossiê Educação Teatral e fins de Mundo busca compreender parte dos embates político-estético-ideológicos da atualidade. Para isso, traz um panorama de concepções e práticas em educação teatral. Seus desdobramentos materializam diversos formatos de ação cultural, na busca de uma educação problematizadora que se dá, efetivamente, pelo debate entre diferentes agentes do processo educativo.

A proposta deste dossiê é provocar olhares acerca das práticas pedagógicas dos docentes de teatro, principalmente no ensino básico, em um cenário global repleto de incertezas e colapsos emergentes. Com a expressão “fins de mundo” desejamos abarcar a lida da educação teatral com situações de término, falência, esgotamento, instabilidade, reconfigurações drásticas, desterritorialização - matérias que, de um modo ou de outro, sintomatizam ou configuram fins de mundo, sob diversas ordens. O que nos sensibiliza é a percepção micro/macro destas crises e como ela permeia, de modo majoritário, nossa vida no presente, desde a emergência climática até nossas dificuldades na vida afetiva.

Em face destes diversos fins de mundo que testemunhamos, evidenciou-se o quanto ameaças às estruturas sociais estabelecidas e crises econômicas globais, particularmente na geração de incerteza, impactam diretamente as expectativas quanto a nosso poder de transformação social. Esses fatores, somados à polarização política e à degradação das relações sociais, inscrevem um cenário de dissenso tóxico e desamparo.

Abordagens estéticas sobre estas crises não nos são estranhas, e as artes e suas pedagogias refletem-nas como sintomas ou alvos de ataque, de modo mais reconhecível, desde a segunda metade do século XX.

Isso se manifestou especialmente quando estilos de expressão exploraram as fronteiras entre o suposto real e o ficcional, desafiando - ainda que com eficácia decrescente - os parâmetros ético-estéticos em vigor. Nesta esfera, o cenário de turbulência política e o recrudescimento de movimentos reacionários comprometeram perigosamente as fronteiras entre o que é considerado falso e verdadeiro, certo e errado, em uma complexidade perturbadora que talvez nenhuma obra ficcional tenha logrado implementar ou, até mesmo, mesmo sugerir.

Imersos no audiovisual, nas interações remotas, no metaverso e na realidade aumentada, vivenciamos um paroxismo das mudanças perceptivas que marcaram o século XX. Essas tecnologias reconfiguram tanto nossa experiência tradicional de tempo e espaço quanto às noções de relação e presença que há milênios nos fundamentam. O uso generalizado de smartphones – próteses que todos adotamos e que nos tornam, de certa forma, ciborgues – é o ponto nevrálgico dessas mudanças, trazendo ao cotidiano uma intensidade sem precedentes de alterações em nossas configurações de



atenção. Esse cenário turbilhona a própria trama do real, desafiando nossos parâmetros sobre o que pode e deve ser uma aula de teatro ou uma ação cultural.

De um modo que nos dá alívio, conceitos relativos à performatividade surgem como estratégia que neutraliza a impertinência de modos de ver anacrônicos. Seu uso, tanto no sentido mais restrito aplicado à filosofia e às artes cênicas quanto como termo central nos estudos de gênero, vem sendo um facilitador de concepções que acolhem e promovem maior diversidade de tipos sociais e da corporeidade, complexificando o espectro transitável ao comportamento, no cotidiano e nas mídias.

No campo da Inteligência Artificial, que desde seu batismo levanta questões sobre sua capacidade de imitação da humanidade e sua inevitável substituição, observamos a proporção crescente de decisões tomadas por máquinas onde nós sempre tivemos poder de ação. Embora previsões otimistas minimizem os danos que podemos sofrer quanto à perda de nossa autonomia e à precarização do trabalho, a IA, ao nos tornar obsoletos, nos pressiona a revisar os valores que historicamente regem nossas vidas, em especial os de competência e eficácia, promovidos pelo capital. No caso da educação teatral, que tradicionalmente se propôs a desenvolver valores éticos, surge o risco de ela ser absorvida como mera capacitação para “competências socioemocionais” que, ao menos por ora, não são substituíveis por máquinas.

Diante desta ameaça, ainda apegados à nossa cultura profissional sobre a educação teatral, não estamos suficientemente atentos ao interesse que setores da economia vêm demonstrando em ocupar, de modo predatório, um espaço que não temos valorizado suficientemente: o de uma concepção amplamente estética da vida, onde arte e vida não se distinguem. A temática deste dossiê nos conclama a assumir como nosso campo de trabalho os quadros de percepção que moldam nossa relação com o real – uma abordagem estética que engloba a vida cotidiana e sua teatralidade. Já há muitos anos, com nosso sistema de licenciaturas, temos fundamentos e recursos para uma visão ampliada de nosso papel pedagógico. Mas se não agirmos rápido, nosso trabalho será inevitavelmente transformado em mais uma engrenagem para que o mundo siga avançando rumo ao próprio fim.

Assim, sensíveis a estas questões, a ideia desta chamada foi atender ao fato de que nossa estrutura emocional, nossos quadros perceptuais, nossas crenças, nossas soluções para lidar com o mundo, nossas organizações de relacionamento social atuais não têm dado conta de responder à demanda de estarmos vivos, de modo minimamente viável. No campo da educação teatral, essa realidade configura um chamado à intervenção e ao ativismo, tornando o papel pedagógico um lugar de ação intrinsecamente social. Em outros termos, dar conta, com a educação teatral, do convívio com nossos diversos mundos que estão em colapso. Para isso, educadoras e educadores enfrentam o desafio de lidar com mudanças drásticas que afetam culturas e modos de viver, evidenciando a necessidade de articular resistência e adaptação frente a pressões destrutivas.

Neste dossiê são colocados em pauta os limites e possibilidades da docência em teatro em sua tentativa de transformar o espaço de aula e seus desdobramentos em uma arena de invenção e



sustentação de novas perspectivas quanto aos modos de viver e dos ajustes que vêm ocorrendo em suas configurações.

Logo, estão expostos artigos que abordam uma gama ampla de assuntos e modos de abordá-los. Trata-se de experiências e reflexões mais ou menos atreladas a práticas imediatas. De um modo ou de outro, temos aqui uma amostra de inquietações quanto ao presente e de tentativas de dar conta de desafios que, de um modo ou de outro, estão imbricados aos mundos e seus fins, com ou sem novos começos.

Com um ensaio reflexivo que aborda sua trajetória como professora universitária, Tatiana Motta Lima, com “Sala de aula de atuação e a noção grotowskiana de contato: vincular-se aos fluxos de vida em um mundo neoliberal”, dialoga com certas tradições da artesanaria teatral que podem fomentar reconfigurações da subjetividade alternativas às que adoecem ante o neoliberalismo, particularmente em seu poder de fomentar individualismo.

Em “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes’: pedagogias antirracistas e ensino de teatro em tempos de pandemia”, Victor Hugo Neves de Oliveira e Ana Paula da Silva Santos abordam como práticas pedagógicas enfrentaram os desafios de ensinar teatro durante a pandemia da Covid-19.

Martha Dias da Cruz Leite, em “Velhas expectativas, novos desafios: a crise da autoridade docente no campo formativo teatral” levanta, de certo modo na contramão das opiniões mais correntes em nosso metiê, complexidades e contradições presentes na atualidade, no que concerne à dimensão de autoridade operando na prática docente.

Em “O teatro e a peste nas redes do algoritmo”, Gustavo Henrique Lima Ferreira e Carminda Mendes André propõem, como resposta ao que identificam, em sua leitura de Vilém Flusser, como “efeitos manipulatórios da conectividade internética”, a retomada de elementos do teatro da crueldade de Antonin Artaud.

O texto “Resposta de corpo: vislumbres em educação teatral”, de autoria de Miguel Levi de Oliveira Lucas e Maria Carolina de Andrade Freitas, traz elaborações sobre como a educação teatral pode influenciar processos de subjetivação, mediante uma análise sobre oficinas ministradas em uma universidade, para alunes de outros cursos que não de teatro.

Também analisando um caso pontual, Thiago Meira, em “As Histórias sem Fim: reflexões sobre uma experiência performativa com crianças de 5 anos de idade”, relata a “metodologia performativa” como estratégia para o ensino de teatro no ambiente virtual.

José Luis Felício Carvalho, com “Performance e drama social no teatro de improviso: uma análise do espetáculo antirracista ‘Swag Hat’” analisa o teatro de improviso enquanto ação de resistência contra elementos racistas do colonialismo.

Murilo Moraes Gaulês e Maria Helena Franco de Araujo Bastos traçam, com “Muito além do Carandiru: processos indisciplinados em teatro, prisão e abolição”, uma trajetória histórica, desde



1940, de intervenções teatrais pedagógicas realizadas no Complexo do Carandiru, a partir de 1940, usando como lentes a filosofia do abolicionismo penal.

Por fim, com “Teatro ocidental sob a influência indígena: reflexões sobre a epistemologia e a hibridez poética na montagem Canek da Cia. Vendímia, Bogotá”, Stephan Baumgartel traz a epistemologia ameríndia, na defesa de uma integração da chamada arte ocidental e uma arte indígena.

Esperamos que esta amostra de iniciativas, com suas perspectivas explicitadas para compartilhamento com todas as pessoas, seja uma boa companhia em nossa jornada.



Biografia acadêmica

André Magela - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

Professor do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: andremagela@ufs.br

Marcelo Rocco - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Professor Associado no Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: marcelorocco1@gmail.com

Direitos autorais

André Magela e Marcelo Rocco

Licenciamento

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>

